

A FICÇÃO COMO ANTROPOLOGIA ESPECULATIVA: UMA LEITURA DE *EL ENTENADO*, DE JUAN JOSÉ SAER

André Luís de ARAÚJO*

- **RESUMO:** Nosso interesse nesta investigação é evidenciar o potencial da ficção como uma antropologia especulativa. Para tanto, vamos partir do *conceito de ficção*, desenvolvido numa obra ensaística do autor argentino Juan José Saer, intitulada *El concepto de ficción*, lançando mão, ainda, de um romance do mesmo escritor, intitulado *El entenado*. Nessa perspectiva, a leitura e a revisão bibliográfica sobre a temática da ficcionalidade literária vão dar-nos apoio teórico suficiente para ver de que modo a ficção se mantém à distância, tanto dos “*profetas de lo verdadero como de los eufóricos de lo falso*”, como insiste Saer, sem pretender nada de antemão, para propor uma ética da verdade. Assim, Saer, assegura para si, com *El entenado*, a possibilidade de mover-se entre eventos históricos, ativando a fabulação criadora, que regula e estrutura acontecimentos, articulando aos acontecimentos da vida a reversibilidade do tempo, a percepção que o ser humano tem de si e do entorno, no cruzamento com as culturas e no mundo que habitam as civilizações. Por conseguinte, problematizam-se as mudanças recíprocas entre imaginação e vida, o jogo entre pensante e pensado, as relações sujeito-objeto, continente-conteúdo. Provocam-se a imaginação e a enunciação, num salto entre a realidade objetiva e suas múltiplas possibilidades.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ficção; antropologia especulativa; Juan José Saer; *El entenado*.

Preâmbulo

Esta proposta pretende investigar o potencial da ficção como uma *antropologia especulativa*. Para tanto, partiremos do *conceito de ficção*, desenvolvido numa obra do autor argentino Juan José Saer, intitulada *El concepto de ficción*, publicada em 1997 e que, segundo o escritor, numa espécie de prólogo chamado de “*explicación*”, não se tratava de ensaios, mas de textos que apareceram publicados em uma mesma coletânea, tal como estavam datilografados. Além disso, o fato de tê-los deixado intactos não é consequência de um respeito quase religioso a si mesmo, senão de uma curiosidade de artesão que desejava ver como ficariam todos esses textos juntos, funcionando como uma espécie de artefatos verbais.

* Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem PPGCL. Recife – Pernambuco – Brasil. 50050-900. aluisaraujosj@gmail.com.

Artigo recebido em 15/03/2022 e aprovado em 08/07/2022.

Los textos que contiene este libro abarcan un período de treinta y un años; los más antiguos fueron escritos en 1965; el más reciente, en 1996. [...] Buscar, releer y ordenar estas hojas polvorientas fue para mí la ocasión de efectuar un lento viaje en el tiempo, del que no vuelvo ni deprimido, ni satisfecho: las cosas que pensaba hace treinta años sigo pensándolas ahora, pero puestas todas juntas no constituyen una teoría del relato de ficción, sino más bien una serie de normas personales para ayudarme a escribir alguna narración que justifique tantas páginas borroneadas. Si los llamo textos, es porque no sé qué otro nombre darles. Ensayos me parece demasiado pretencioso, y artículos inapropiado por la connotación periodística que tiene esta palabra. (SAER, 2016, p. 11).

Nessa perspectiva, de um modo muito particular, vamos debruçar-nos sobre o texto, respeitando esta terminologia do próprio Saer, “*El concepto de ficción*”, de 1989, que dá título à compilação desses escritos. Além disso, desejamos lançar mão do romance *El entonado* (1983), uma espécie de metaficção historiográfica, conforme propõe Linda Hutcheon (1991), em *Poética do pós-modernismo*, dado que o livro está construído a partir de um relato memorialístico em primeira pessoa. A esse propósito, Brian Gollnick (2003), em artigo publicado na Revista de Crítica Literária Latinoamericana, afirma que, seguramente, a literatura argentina sentiu fortemente um ataque frontal à linguagem, e Juan José Saer figura entre os mais eloquentes narradores que tocam no tema da censura e da opressão política, com abordagens sociais bem marcadas.

Essa característica merece uma pequena digressão, visto que Saer, no dizer do jornalista Jorge Reynoso Aldao, era considerado um polemista e, sobretudo, um discutidor. No documentário *Biografías – Juan José Saer – Recuerdos del Río – Canal A*, gravado, segundo o produtor Marcelo Sag, cerca do ano de 2010, Reynoso afirma que durante um congresso de escritores, em 1964, organizado pela Sociedade Argentina de Escritores, Saer responde às críticas de alguns escritores, dizendo que se não tinham nenhum posicionamento diante das questões sociais, que suas obras não serviam para nada. Esse episódio lhe renderia manchetes nos jornais de Buenos Aires, no dia 25 de novembro de 1964, tornando-o conhecido, fato que vai possibilitar-lhe a publicação de dois romances *Responso* (1964), *La vuelta completa* (1966); além dos livros de contos *Palo y hueso* (1965) e *Unidad de lugar* (1967). Célebre, ainda, foi a discussão que envolvia diretamente a escritora Marta Lynch, quem, entre outros, criticava um certo modismo na escrita do poeta argentino Juan L. Ortiz, que, segundo consta, seria transposto a uma de suas obras posteriores, *Glosa* (1985), na pele do poeta Jorge Washington Noriega.

Voltando a Gollnick, *El entonado* é um dos romances mais deslumbrantes de Saer:

Superficialmente una novela histórica, El entonado trata de la expedición de Juan Díaz de Solís quien, en 1516, hizo el primer intento de explorar el río de la Plata. Solís y varios soldados murieron en una emboscada la primera vez que pisaron la ribera. El único sobreviviente fue Francisco del Puerto, el joven grumete de la expedición, que se quedó solo entre una tribu antropófaga hasta que fue rescatado más de una década después. Los años convirtieron en uno de los cautivos más famosos de la historia latinoamericana, y El entonado ofrece una especie de memorias perdidas en la voz de

un Francisco del Puerto ya de edad avanzada que intenta comprender su experiencia en las colonias. (GOLLNICK, 2003, p. 107).

De modo semelhante, Nuno Manna e Phellipy Jácome, num artigo publicado na *Revista Triade*, em 2016, intitulado “Ficção como antropologia especulativa: embates comunicativos na literatura de Juan José Saer”, pontuam que o intuito dessa viagem era encontrar um caminho alternativo para as Ilhas Molucas, além de explorar a região e marcar território.

Navegando o Rio da Prata (nomeado pelo navegador como “Mar Doce”), Solís decidiu fazer uma escala numa ilha. Ao encontrar ali um grupo de indígenas (não se sabe se seriam Charruas ou Guaranis), o capitão desembarcou com mais sete tripulantes, entre eles o grumete Francisco del Puerto. Solís e seus companheiros foram, então, recebidos com uma chuva de flechas que atravessaram seus corpos. Mortos, os europeus foram esquartejados, assados e comidos pelos nativos em frente ao resto da tripulação, que deu meia-volta em direção ao “velho continente” (ALBORNOZ, 2003). Para surpresa geral, dez anos mais tarde, uma expedição portuguesa que viajava pela mesma região encontrou o jovem grumete vivo e parcialmente incorporado ao grupo indígena, com quem vivera toda aquela década. Esta é, no entanto, a única notícia que se tem de Francisco del Puerto, pois, como afirmam estudiosos (PONS, 1997; ROMANO THUESEN, 1995), parece não existir nenhum outro registro sobre sua experiência entre os indígenas ou mesmo de sua vida após o reencontro com os europeus. (MANNA; JÁCOME, 2016, p. 118).

Desse modo, a leitura e a revisão bibliográfica sobre a temática da ficcionalidade literária, vão dar-nos apoio teórico suficiente para ver de que modo a ficção se mantém à distância, tanto dos “*profetas de lo verdadero como de los eufóricos de lo falso*” (SAER, 2016, p. 17), como insiste Saer, entrando numa zona turbulenta, sem pretender nada de antemão, para propor uma ética da verdade. Nuno Manna e Phellipy Jácome insistem ainda em que um estudo dessa vivência entre duas cosmologias tão distintas e dois modos de construção de mundo tão diversos poderia, sem dúvidas, produzir reflexões importantes para o campo da Antropologia, da História e acreditamos, também, da própria ficcionalidade textual. “Afinal, sem uma ambição científica e documental, coube à ficção literária a retomada desse relato e a construção das condições de relações possíveis estabelecidas [...]” (MANNA; JÁCOME, 2016, p. 118).

Zona Saer

Antes, porém, de tratarmos mais diretamente da temática da ficcionalidade e suas implicações, especialmente, em *El entenado*, convém apresentar melhor o autor Juan José Saer. *Juani*, como era conhecido familiarmente, foi um escritor argentino, nascido em 28 de junho de 1937, em Serodino, uma cidade pequena da Província de Santa Fe, muito próxima de Rosário e do Rio Paraná. Filho de imigrantes sírios, num ambiente gregário,

de família numerosa, todo esse espaço e essa zona de “la pampa gringa”, como diziam alguns, conformaram para Saer um estilo inconfundível e difícil de enquadrar. Diz-se que era um autor complexo e original, sua obra sendo uma das maiores expressões da literatura universal contemporânea.

Beatriz Sarlo, ensaísta e crítica literária argentina, endossa essa afirmação ao sustentar que, depois de Jorge Luis Borges, Saer é o maior escritor argentino da segunda metade do século XX. A autora sublinha seu posicionamento e o defende, comentando seu último livro *Zona Saer* (2016), numa entrevista concedida a Cristina Mucci, em 1 de agosto de 2016, no Programa Cultural *Los 7 Locos*, veiculado pela TV aberta na Argentina. Segundo Sarlo, o Borges clássico terminara em 1960, com a publicação de “El Hacedor”. Exatamente no mesmo ano, despontava Saer, com a publicação de *En la zona*, livro que reúne contos do autor, de 1957 a 1960, fruto de suas incursões literárias do seu tempo como jornalista do periódico *El litoral*, em Santa Fé.

En la zona é, pois, um livro fundador e uma espécie de etapa preparatória, seguida de uma consolidação de aspectos que se iam desenvolver em obras posteriores, dirá María Teresa Gramuglio, crítica literária. Dividido em duas grandes partes, a primeira delas, *zona de puerto*, com dois contos e personagens marginais; a segunda parte, *más al centro*, dá lugar a jovens contemporâneos a Saer, digamos assim, alguns deles estudantes universitários, que falam de política e de literatura, numa pequena cidade, tratando de ver o que fariam de suas vidas. Nesse livro, já estavam presentes alguns dos personagens que o acompanhariam em obras subsequentes, todos com alguma característica de seus amigos santafesinos – um tipo de *elenco estable*, dirá o autor – num cenário recorrente: Santa Fe. Mesmo quando a ação se passa fora desse espaço, como a investigação de uma série de assassinatos ocorridos em Paris, presentes em *La pesquisa* (2000), os comentários têm lugar em Santa Fe.

María Teresa Gramuglio comenta, ainda, que embora haja um forte realismo nas descrições, porque se podem reconhecer os lugares, as ruas, a galeria, a ponte suspensa, ao mesmo tempo, a insistente repetição desses elementos faz com que a cidade não seja, de fato, realista ou pitoresca, mas que seja uma completa abstração, podendo ser qualquer lugar do mundo. De todo modo, em Santa Fe, Saer viveria desde 1949, daria aulas de História do Cinema e de Crítica e Estética Literária, no Instituto de Cinematografía da Universidad del Litoral, escreveria roteiros de filmes. Raúl Beceyro, diretor de cinema, afirma que qualquer pessoa que frequentou suas aulas, certamente, aprendeu muito sobre filmes e escritores, com um entusiasmo contagiante de alguém que trazia muita novidade e propunha leituras conjuntas. Mais tarde, Beceyro converteria o romance *Nadie nada nunca* (1980) ao cinema.

Nos textos de *En la zona*, de acordo com os estudiosos, está o germe de sua práxis poética, embora Beatriz Sarlo acredite que, inicialmente, Saer parecia mais um arremedo inevitável de Borges. Apenas mais tarde, segundo a autora, encontraria Saer seu próprio estilo, criando sua própria *Zona*, seu universo antropológico. Para Sarlo, o último conto desse livro, “Algo se aproxima”, é verdadeiramente um Saer que se aproxima e apresenta seu espaço próprio de enunciação. A partir daí já não existe mais nenhuma referência a Borges. A esse respeito, de algum modo, Saer deixaria escapar algo em uma entrevista,

em 2001: “¿qué es lo que hace un escritor con aquellos escritores que admira más? Bien, rechazarlos por completo, porque es a partir de un principio de diferenciación, que él va a poder construir una obra, ¿no es verdad? En cambio, los otros escriben todos iguales” (JUAN..., 2012).

Conseqüentemente, vale salientar que Saer vai inscrever e inaugurar um espaço de enunciação muito característico, nomeando seu território de linguagem e organizando uma estética própria – a *Zona Saer*, como já mencionado pelo título do livro publicado por Beatriz Sarlo em 2016, dentro das comemorações do Ano Saer, na Argentina, que se estendeu de junho de 2016 a junho de 2017, quando o autor completaria 80 anos. Esta *Zona Saer*, acolhe o particular e o projeta no universal, de modo que a letra percorre com insistência uma circunscrição geográfica: Santa Fe e os arredores, mesmo em se tratando do século XVI, como nesta narrativa de *El entenado*, vivida entre o povo colastiné – curiosamente o nome de uma região onde o escritor manteve uma pequena propriedade rural, pouco antes de ir viver na França, no final da década de 60. A princípio, com uma bolsa de estudos e, mais tarde, como professor na Universidade de Rennes. Virá a falecer em Paris, em 11 de junho de 2005, deixando sem concluir seu último romance, *La grande* (2005), publicada inconclusa pelo seu editor Álvaro Díaz, em outubro daquele mesmo ano.

A rádio *Perfil*, por ocasião dos 15 anos de falecimento de Saer, publicou uma entrevista com Álvaro Díaz, na qual comenta como conheceu o escritor e como colaborou com a divulgação da obra de Saer, quem nunca teve um agente literário. Por esse motivo, segundo Beatriz Sarlo, na mesma entrevista citada anteriormente, o autor ganharia poucos prêmios literários, o mais importante deles, o Prêmio Nadal, em 1987, com a publicação de *La ocasión* (1987).

Primero conocí su obra. Leí Responso, su primer libro, por recomendación de Piglia, que también fue mi amigo. La primera vez que vi a Juani fue saliendo de la librería Gandhi, en 1985. Me acerqué, me presenté, le dije que lo admiraba y al día siguiente nos juntamos a tomar un café. Yo trabajaba en Alianza y firmamos contrato por Glosa y por El limonero real. A partir de ahí se estableció una relación muy estrecha, él era muy afectuoso. Nos encontramos con muchas coincidencias, literarias y también políticas. [...] Creo que he hecho algo bueno por su obra. Desde 1985 fui su (casi) único editor en castellano hasta su muerte. Hasta ese momento, Juani llevaba publicados en 25 años de trabajo once libros, en diez editoriales distintas de seis ciudades diferentes. Glosa en este sentido termina con esa modalidad errabunda e inicia una etapa de profesionalización creciente en la circulación de sus libros. En total le publiqué 23 libros en distintas modalidades de edición. (BELLOTI, 2020).

El entenado

Saer apresenta sua obra em um castelhano peculiar, de uma beleza poética tão grande, que, segundo alguns de seus leitores e críticos, são trechos inteiros para serem lidos em voz alta. Basta observar como começa a narrativa de *El entenado*:

De esas costas vacías me quedó sobre todo la abundancia de cielo. Más de una vez me sentí diminuto bajo ese azul dilatado: en la playa amarilla, éramos como hormigas en el centro de un desierto. Y si ahora que soy un viejo paso mis días en las ciudades, es porque en ellas la vida es horizontal, porque las ciudades disimulan el cielo. Allá, de noche, en cambio, dormíamos, a la intemperie, casi aplastados por las estrellas. (SAER, 2018, p. 47).

Quer seja a floresta, quer seja a cidade, quer seja a costa, o rio ou a pampa, sua planície local, tudo pode ser relido e esta *Zona Saer* que acabamos de comentar se converte no território que abriga, cartografa e reterritorializa, como diriam Deleuze e Guattari, alguns platôs, numa relação tensa entre a ficção, a escrita e a realidade de todo seu legado. Esse ordenamento do mundo, a partir desse lugar de enunciação, verdadeiro espaço literário, para lembrar as reflexões de Maurice Blanchot, tematiza o trabalho da subjetividade. No nosso caso, de um adolescente órfão que conta essa história sessenta anos mais tarde, depois de ter escapado com vida de um ataque do povo indígena colastiné, que matou todo o grupo de marinheiros com os quais viajava este grumete, numa expedição espanhola ao *Río de la Plata*, em pleno século XVI.

Único sobrevivente do grupo, esse menino conhece as tradições e os rituais desse povo, com quem convive por dez longos anos, sem saber uma só palavra daquele idioma completamente desconhecido. Passados sessenta anos, sua narrativa vai comunicando novas impressões da realidade, da natureza e dos ambientes, mesclando e embaralhando, subjetivamente, sensações, percepções, memória, identidade, tempo e linguagens.

Todo el mundo conocido reposaba sobre nuestros recuerdos. Nosotros éramos sus únicos garantes en ese medio liso y uniforme, de color azul. El sol atestiguaba día tras día, regular, cierta alteridad, rojo en el horizonte, incandescente y amarillo en el cenit. Pero era poca realidad. Al cabo de varias semanas nos alcanzó el delirio: nuestra sola convicción y nuestros meros recuerdos no eran fundamento suficiente. (SAER, 2018, p. 51).

Assim, Juan José Saer, assegura para si, com *El entenado*, a possibilidade de mover-se entre eventos históricos, ativando a fabulação criadora, que regula e estrutura acontecimentos, articulando aos eventos da vida a reversibilidade do tempo, a percepção que o ser humano tem de si e do entorno, no cruzamento com as culturas e no mundo que habitam as civilizações. Por conseguinte, problematizam-se as mudanças recíprocas entre imaginação e vida, o jogo entre pensante e pensado, as relações sujeito-objeto, continente-conteúdo. Provocam-se a imaginação e a enunciação, num salto entre a realidade objetiva e suas múltiplas possibilidades de tratamento.

Os questionamentos se insurgem o tempo todo, visto que, como Saer acredita e expõe, no texto “*El concepto de ficción*”: “*el rechazo escrupuloso de todo elemento ficticio no es un criterio de verdad. Puesto que el concepto mismo de verdad es incierto y su definición integra elementos dispares y aun contradictorios [...]*” (SAER, 2016, p. 14). O que equivale a dizer que é a verdade como objetivo unívoco de um texto e não somente a presença de elementos fictícios o que merece uma discussão minuciosa. Isso ele vai dizer referindo-se

ao gênero biográfico e autobiográfico; contudo, podemos, tranquilamente, ampliar essa noção para essa construção historiográfica que temos diante dos olhos, já que tampouco a exclusão de todo rastro fictício não será garantidora da veracidade dos fatos. Sempre haverá, como Saer pondera mais adiante: “*el obstáculo de la autenticidad de las fuentes, de los criterios interpretativos y de las turbulencias de sentido propios a toda construcción verbal*” (SAER, 2016, p. 14). Aliás, essas dificuldades, tão amplamente debatidas no campo das ciências humanas, não parecem preocupar os praticantes felizes da *não-ficção* – ironiza o autor.

Além disso, antes mesmo de cogitar a noção de metaficção historiográfica, vale pensar nas advertências de Saer: que não nos esqueçamos de que por uma proposição não ser fictícia, não significa que ela seja automaticamente verdadeira. “*Podemos por lo tanto afirmar que la verdad no es necesariamente lo contrario de la ficción, y que cuando optamos por la práctica de la ficción no lo hacemos con el propósito turbio de tergiversar la verdad*” (SAER, 2016, p. 15). De fato, existe uma ética textual, junto do elemento estético, o que nos leva a considerar a construção discursiva, para emancipar a ficção, dirá o autor: “[...] *que nadie se confunda: no se escriben ficciones para eludir, por inmadurez o irresponsabilidad, los rigores que exige el tratamiento de la ‘verdad’, sino justamente para poner en evidencia el carácter complejo de la situación*” (SAER, 2016, p. 15). Consequentemente:

Al dar un salto hacia lo inverificable, la ficción multiplica al infinito las posibilidades de tratamiento. No vuelve la espalda a una supuesta realidad objetiva: muy por el contrario, se sumerge en su turbulencia, desdeñando la actitud ingenua que consiste en pretender saber de antemano cómo esa realidad está hecha. No es una claudicación ante tal o cual ética de la verdad, sino la búsqueda de una menos rudimentaria. (SAER, 2016, p. 16).

Para Saer, a literatura se faz uma *antropología especulativa* porque, nesse entrelaçado entre verdade e falsidade, encontra-se o autor entre um saber objetivo e a subjetividade. Basta notar o assombro do narrador de *El entenado*, quando afirma: “*Toda vida es un pozo de soledad que va abondándose con los años. Y yo, que vengo más que otros de la nada, a causa de mi orfandad, ya estaba advertido desde el principio contra esa apariencia de compañía que es una familia*” (SAER, 2018, p. 78). A realidade acena, portanto, com força nos seus relatos, passando por escrito a força do vivido, sem muita nitidez, mas registrando o que considera ser o mais verdadeiro, se é possível afirmar um mais e/ou um menos quando a verdade está em jogo:

Ahora que estoy escribiendo, que el rasguído de mi pluma y los crujidos de mi silla son los únicos ruidos que suenan, nitidos, en la noche, que mi respiración inaudible y tranquila sostiene mi vida, que puedo ver mi mano, la mano ajada de un viejo, deslizándose de izquierda a derecha y dejando un reguero negro a la luz de la lámpara, me doy cuenta de que, recuerdo de un acontecimiento verdadero o imagen instantánea, sin pasado ni porvenir, forjada frescamente por un delirio apacible, esa criatura que llora en un mundo desconocido asiste, sin saberlo, a su propio nacimiento. (SAER, 2018, p. 78-79).

Entretanto, a beleza mais contundente do texto vem logo a seguir com essa consciência aterradora e, ao mesmo tempo, iluminadora de todo o processo que ainda vem pela frente:

No se sabe nunca cuándo se nace: el parto es una simple convención. Muchos mueren sin haber nacido; otros nacen apenas, otros mal, como abortados. Algunos por nacimientos sucesivos, van pasando de vida en vida, y si la muerte no viniese a interrumpirlos, serían capaces de agotar el ramillete de mundos posibles a fuerza de nacer una y otra vez, como si poseyesen una reserva inagotable de inocencia y de abandono. Entenado y todo, yo nacía sin saberlo y como el niño que sale, ensangrentado y atónito, de esa noche oscura que es el vientre de su madre, no podía hacer otra cosa que echarme a llorar. (SAER, 2018, p. 79).

Sabemos que algo aconteceu, um despertar, que faz com que o protagonista reconstrua pouco a pouco o que vai reconhecendo como realidade, chega a duvidar de que estivesse acordado. Desse momento em diante, a narrativa ganha um tom diferente: “*Esto que está pasando, pensaba, es mi vida. Esto es mi vida, mi vida, y yo soy yo, yo, pensaba, mirando las hojas inmóviles que dejaban ver, aquí y allá, porciones de cielo*” (SAER, 2018, p. 83). Ante os olhos recém-nascidos, essa era a realidade.

Segundo Brian Gollnick (2003), a escrita de Saer, em *El Entenado*, vai além da antropologia e vai tornando-se um trabalho arqueológico. Ao inventar essa voz narrativa, além de criar um passado desde o presente, já que existe essa alternância entre ambos, com o narrador jovem e o idoso, em alguns momentos, o passado também se cria, sem o desejo de explicar a origem, que viria, supostamente, antes do momento em que o personagem passa a participar da expedição. Apenas se diz que “*la orfandad me empujó a los puertos [...] todo me acunó, fue mi casa, me dio una educación y me ayudó a crecer, ocupando el lugar en donde llega mi memoria, de un padre y una madre*” (SAER, 2018, p. 48).

Podemos, por isso, perguntar-nos: o que ocorre, de verdade, no romance? Sem dúvida, um processo fabulatório e meta-histórico, que pretende trabalhar com os contornos do que terá sido a história, de como Francisco del Puerto, o grumete, teria passado dez anos de sua vida ao lado dos índios que mataram a tripulação de Solís, tendo poupado uma única pessoa, ele mesmo, que, de colonizador, tornou-se um trãnsfuga – “*[...] las imágenes crecen, adentro, con tanta fuerza, que el espesor se borra y yo me siento como en vaivén, entre dos mundos*” (SAER, 2018, p. 109).

Por não existirem muitos relatos sobre ele, embora seja um dos ícones mais famosos da história latinoamericana, Saer se propôs, assim, a criar uma narrativa bastante performática, para usar um conceito de Paul Zumthor, visto que por todos os sentidos do narrador passariam as sensações, percepções, memória, identidade, tempo e linguagens. Como teria ele sobrevivido a esses anos de cativo? Por que foi deliberadamente libertado? Onde ele encontraria outra vez seu lugar, sua língua? E que o leitor não se assombre – “*estas cosas son, desde luego, difíciles de contar*” (SAER, 2018, p. 92). Aonde iria ele, sem destino conhecido, agora, livre, numa canoa cheia de comida, rio abaixo?

[...] *sesenta años más tarde, cuando ya no se despliega, frente a mí, casi ningún porvenir, me atrevo, sin estar sin embargo demasiado seguro, a formular: que no venía nadie, remando río abajo, en la canoa, que nadie existía ni había existido nunca, fuera de alguien que, durante diez años, había deambulado, incierto, confuso, en ese espacio de evidencia. Así hasta que un recodo del río borró, abrupto, la visión, y salí de ese sueño para siempre.* (SAER, 2018, p. 149).

Saía de um sonho ou de um sono? A ambiguidade da língua espanhola favorece o jogo de significados e sentidos. O narrador tenta comunicar-se com a nau que encontra rio abaixo e não consegue:

Traté de hablar en mi lengua materna, pero comprobé que me la había olvidado. Con gran esfuerzo, logré al fin proferir algunas palabras aisladas, formulándolas, por costumbre, con la sintaxis peculiar de los indios, lo cual, si bien no aclaró las explicaciones, les dio, a los dos hombres, junto con mi aspecto físico, la prueba de que, como ellos, también yo era un extraño en ese lugar de pesadilla. (SAER, 2018, p. 151).

Angustiado, dá-se conta de que seus sentidos não encontravam, no fundo do seu ser, “*un lenguaje que los expresara*” (SAER, 2018, p. 154). Como pudemos perceber até aqui, não importa tanto o desvio do possível, importa que esse desvio seja validado pela lógica da narração. Isto é, para compreender as condições da ficção, são decisivos os elementos que constroem a coesão e a coerência narrativas, apoiadas, sem dúvida, em repertórios afins com os símbolos e as metáforas, figuras literárias por excelência. Precisando um pouco mais o tema, é essencial cumprir com algumas exigências, pois toda obra deve manter-se dentro de um sistema coerente de relações simbólicas e signícas entre o possível e o impossível, ou se preferirmos, entre o verossímil e o inverossímil, observando-se uma lógica interna válida dentro de um dado sistema, posteriormente compreendido e aceito pelo leitor/espectador/ouvinte, ampliando um pouco mais as categorias da estética da recepção.

Cada obra literária coloca para funcionar, então, um mundo possível e uma estrutura morfológica, sintática e semântica próprias, como um princípio de realidade que mantém um mínimo de ordem que sustenta a lógica da vida e das coisas: “[...] *eran ellos los que infundían realidad a los otros lugares que visitaban; iban materializando, con su sola presencia, el horizonte incierto y sin forma*” (SAER, 2018, p. 188). Mundo diferente, muitas vezes, da experiência mais objetiva, como o do povo colastiné, por exemplo, mas mundo necessário e suficiente, como afirmam as categorias filosóficas, porque submetido a suas próprias regras de coerência interna com suas linhas de força narrativa.

A modo de conclusão

É evidente que as convenções literárias não se limitam a efetuar uma legitimação funcional do impossível/inverossímil. “[...] *no podemos ignorar que en las grandes ficciones de nuestro tiempo, y quizás de todos los tiempos, está presente ese entrecruzamiento crítico entre*

verdad y falsedad, esa tensión íntima y decisiva, no exenta ni de comicidad ni de gravedad [...] (SAER, 2016, p. 20). Consideremos, também, que: “El fin de la ficción no es expedirse en ese conflicto sino hacer de él su materia, modelándola ‘a su manera’ (SAER, 2016, p. 20). O ficcional, como vimos, adquire e propõe uma gramática nova de relações morfo-sintático-semânticas e pragmáticas. Por conseguinte, o que tomado em si mesmo constituiria um absurdo e não teria validade comunicativa passa a atuar como um sistema de valores.

Exatamente por esse princípio e pelas suas intenções, a ficcionalidade alcança sua expressão máxima, entre os imperativos de um saber objetivo e as turbulências da subjetividade (SAER, 2016), isto é, constituindo-se como uma *antropologia especulativa*, sem nenhum reducionismo dos termos, mas assimilando e incorporando a sua própria essência e despojando-a de pretensões de absoluto. Linda Hutcheon (1991, p. 141), a esse respeito, acrescenta:

É essa mesma separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-modernas, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas têm em comum do que em suas diferenças. [...] as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.

Nesse aspecto, Germán Beloso, escrevendo para a Revista Arcadia, por ocasião do Ano Saer, na Argentina, pontuava que Miguel Dalmaroni, professor e pesquisador da Universidad Nacional de La Plata, assinalava que, embora alguns dos primeiros relatos de Saer tivessem certo arremedo borgeano, *“la concepción de la literatura que ambos tienen es muy diferente; Saer se toma en serio la posibilidad de que la literatura indague, explore e ilumine algo de lo real; en cambio, a Borges eso le parece una especie de disparate o ilusión romántica” (BELOSO, 2022). Beloso acrescenta, ainda, uma dimensão continental, ponderada por Rafael Arce, professor e pesquisador da Universidad Nacional del Litoral.*

Saer lee la literatura latinoamericana en sincronía con lo más avanzado de la literatura universal: desconfía del culto al color local, del esencialismo continental o nacional. Más bien, su posición es que la fidelidad material a un fragmento pequeño del universo, sea cual fuere, más un conocimiento de los procedimientos literarios de vanguardia, es decir, una apuesta por la experimentación y la renovación constante hacen posible que cualquier escritor produzca una obra universal sin moverse de su rincón del mundo. Por contraste, Saer rechaza el latinamericanismo para europeos de García Márquez, Vargas Llosa, Cortázar. No es que estos escritores no tengan sus méritos, pero para Saer se codifican muy rápido, enseguida convierten sus hallazgos en recetas y se vuelven legibles, productores de mercancías literarias genéricas. En las novelas de Saer, la prosa poética, sensual, material (artificial, digamos, porque eso se logra con elaboración), restituye un aura de las cosas materiales. La forma verbal restituye la experiencia de las cosas, las vuelve sensibles, ‘humanas’. Es esto aproximadamente lo que quiere decir Adorno cuando

afirma que las obras de arte están vivas. Las fórmulas convencionales, por el contrario, matan la experiencia. (BELOSO, 2022).

Juan José Saer se situa, decididamente, do lado da literatura e da ficção. Nas palavras e nas letras, está encerrado o mundo, pouco a pouco tomando forma, graças a nossa capacidade de nomear e denominar. Palavras e letras, com a infinidade de suas possíveis combinações, não somente guardam o que foi e será dito e feito, como também o que não foi, nem será: nelas, portanto, subjaz a equivalência entre os mundos possíveis, um e somente um dos quais é o nosso. Atendemos, assim, à voz de Saer (POMERANIEC, 1993): “*Si no existiera la provocación, el relato se cristalizaría en formas estereotipadas. Y si no hay riesgo, ¿para qué escribir?*”. Desse modo, tudo converge, antropológica e especulativamente, para as muitas lições que nos ensinou *El entenado*: “*Aprendí, gracias a esos envoltorios vacíos que pretendían llamarse hombres, la risa amarga y un poco superior de quien posee, en relación con los manipuladores de generalidades, la ventaja de la experiencia*” (SAER, 2018, p. 175).

ARAÚJO, A. L. de. Fiction as speculative anthropology: a reading of “El entenado”, by Juan José Saer. **Revista de Letras**, São Paulo, v.62, n.1, p.11-22, 2022.

- **ABSTRACT:** *Our interest in this investigation is to highlight the potential of fiction as a speculative anthropology. In order to do so, we will start from the concept of fiction, developed in an essay by the Argentine author Juan José Saer, entitled El concepto de ficción, also using a novel by the same writer, entitled El entenado. In this perspective, the reading and bibliographic review on the theme of literary fictionality will give us enough theoretical support to see how fiction is kept at a distance, both from the “profetas de lo verdadero como de los eufóricos de lo falso”, as Saer insists, without pre-empting anything, to propose an ethics of truth. Thus, Saer assures himself, with El entenado, the possibility of moving between historical events, activating the creative fabulation, which regulates and structures events, articulating to the events of life the reversibility of time, the perception that the human being has of himself and of the surroundings, at the intersection with cultures and in the world that civilizations inhabit. Therefore, the reciprocal changes between imagination and life, the game between thinker and thought, subject-object, container-content, are problematized. Imagination and enunciation are provoked, in a leap between objective reality and its multiple possibilities.*
- **KEYWORDS:** *Fiction; speculative anthropology; Juan José Saer; El entenado.*

REFERÊNCIAS

BELLOTI, A. 15 años sin Saer. **Radio Perfil**, Buenos Aires, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://www.perfil.com/noticias/cultura/15-anos-sin-saer.phtml>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BELOSO, G. El río del tiempo: el Año Saer en Argentina. **Pijao Editores**, Ibagué, Colombia. Disponível em: <https://pijaoeditores.com/actualidad/el-rio-del-tiempo-el-ano-saer-en-argentina>. Acesso em: 04 jul. 2022.

GOLLNICK, B. El color justo de la patria: agencias discursivas en *El Entenado*. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, año XXIX, n. 57, p. 107-134, 2003.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JUAN José Saer en Los siete locos. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal 097locos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W8xb7haRl0U&list=RDLVLZ240LYgNlo&index=2>. Acesso em: 01 jul. 2022.

MANNA, N.; JÁCOME, P. Ficção como antropologia especulativa: embates comunicativos na literatura de Juan José Saer. **Revista Tríade Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, v.4, n.8, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2723>. Acesso em: 01 jul. 2022.

POMERANIEC, H. “Un paso de comedia negra”, entrevista a J. J. Saer. **Clarín**, Buenos Aires, 4 de marzo de 1993. *Cultura y Nación*. Disponível em: <https://mansalva.com.ar/un-paso-de-comedia-negra-entrevista-a-j-j-saer/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

SAER, J. J. **El entenado**. Barcelona: Rayo Verde, 2018.

SAER, J. J. **El concepto de ficción**. Barcelona: Rayo Verde, 2016.